

# HISTÓRIA DA ARTE E ARTE EM SUCATAS: ARQUITETURA E CRIATIVIDADE EM TEMPOS DE SUSTENTABILIDADE

ART HISTORY AND ART IN SCRAP: ARCHITECTURE AND CREATIVITY IN TIMES OF SUSTAINABILITY

**Jussara Jacomelli**

*Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Frederico Westphalen.  
Email: jacomelli@uri.edu.br*

## RESUMO

Neste artigo busca-se socializar uma experiência construída com base na discussão da análise histórica somada ao conceito de sustentabilidade. Metodologia adotada no desenvolvimento da atividade "Arte com sucatas", levada a termo na disciplina de História da Arte, nos anos de 2012 a 2014, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen. No primeiro ano foram criados objetos para interiores; no segundo ano, para espaços exteriores e, no ano de 2014, houve liberdade de escolha. Nos três anos em que essa experiência foi posta em prática, o tema "Arte com Sucatas" foi desdobrado em subtemas escolhidos pelos grupos de acadêmicos. Para isso, deveriam considerar a relevância social e as discussões e os debates realizados na disciplina. Para finalizar, apresentar as singularidades do objeto e as construções teóricas realizadas. Como resultado, observou-se em cada ano, um caminhar próprio e vinculado ao espaço delimitado e às orientações recebidas. Igualmente, notou-se que o registro dos processos e resultados são instrumentos metodológicos que permitem ao professor realizar uma avaliação do próprio trabalho, evidenciando lacunas e possibilidades.

**Palavras chave:** História da Arte. Análise histórica. Arte. Arquitetura. Sustentabilidade.

## ABSTRACT

*This article seeks to socialize an experience built on the historical analysis discussion added to the concept of sustainability. Methodology used in the development of activity "Art with scrap", brought to completion in the discipline History of Art, in the years 2012-2014, in the Architecture and Urbanism course of the Integrated Regional University of High Uruguay and Missions - Campus of Frederick. In the first year objects for interiors were created; in the second year, for outdoor spaces and, in 2014, there was freedom of choice. In the three years that this experience was put into practice, the theme "Art with Scraps" was split into sub-themes chosen by academic groups. To do so, they should consider social relevance and the discussions and debates in the discipline. Finally, present the uniqueness of the object and the theoretical constructs*

*accomplished. As result, it was observed in each year, a walking itself and linked to the limited space and the guidance received. Also, it was noted that the record of the processes and results are methodological tools that allow the teacher to conduct an evaluation of the own work, highlighting gaps and possibilities.*

**Keywords:** Art History. Historical analysis. Art. Architecture. Sustainability.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em uma sociedade caracterizada pela disseminação das ideias do capital como prerrogativa de ascensão social em detrimento das reais necessidades do ser humano, é preciso tratar da ARTE, não só como história e memória, mas, também, como sustentabilidade. Assim, neste texto, busca-se trazer algumas discussões em torno da disciplina de História da Arte e, conseqüentemente, da análise histórica somada ao conceito de sustentabilidade, e, apresentar o caminho percorrido para a efetivação da atividade prática de reaproveitamento de descartáveis na produção de objetos de arte realizada nos anos de 2012 a 2014. Vale registrar que se considerou o conceito de sustentabilidade como plural, por concentrar o ambiental, o social e o político. Ambiental, no sentido do uso equilibrado dos recursos do ambiente (no caso, reaproveitamento); social, no sentido na distribuição mais equitativa dos recursos dele advindos e, político, por considerar significativas as ações individuais, além das coletivas e públicas. Observa-se e esclarece-se que na palavra “ação”, nesse entendimento, incorpora o aspecto econômico, visto que toda e qualquer ação traz resultados pertinentes ao uso de algum recurso e, igualmente, envolve o social. No texto, está em sintonia com a palavra “posse”.

Entende-se que o estudo da arte, a partir da análise histórica, contribui para a sensibilização humana para com o outro e para com o ambiente do qual o homem faz parte, porque a arte é mais que o objeto, é o todo, é o conjunto. O objeto, no entanto, é o caminho que facilita ao pesquisador a busca das relações possíveis no estudo das obras, dos autores, das técnicas, das ideias e dos processos pertinentes à história das sociedades. Ou seja, o objeto, apesar de ter um proprietário, ao fazer parte do território agrega à história do todo, visto que nele e a partir dele pode-se entender, por exemplo, como se chegou a determinados conceitos, a exemplo do conceito da palavra “posse”, um termo usual na sociedade contemporânea:

A sociedade que conhecemos e que chamamos de histórica é a sociedade da posse; o objeto vale enquanto pode ser possuído por um sujeito. Mas, uma vez que o objeto é um conjunto de relações, possuindo o objeto, o sujeito possui algo que vale também para os outros, para todos. Numa civilização da posse, há quem possua e quem faça que o outro possua. Mas quem faz possui a técnica de fazer objetos e, portanto, teoricamente, todos os objetos que possa fazer: cada objeto foi possuído por quem o fez antes de qualquer outro. [...]. (ARGAN, 2005, p. 38).

Discutir a “posse” parece estar sem conexão com a ideia de História da Arte, mas, essa é uma prerrogativa necessária e cada vez mais atual, visto que o mundo da “posse” é o mesmo mundo da técnica, e, todavia, o mundo da técnica, das descobertas, apesar de disponível, não está ao alcance de todo o conjunto da humanidade. As formas, como, por exemplo, as legislações, - entendidas aqui, a partir do contrato social quando, teoricamente, o Estado passou a ser conduzido por representantes da sociedade de forma “acordada” socialmente - são materializadas em lugares, em fazeres, em resultados pré-estabelecidos e, são mostras da diferenciação social do uso do ambiente visível nos desenhos artísticos que formam os cenários arquitetônicos urbanos.

Desenhos de cenários urbanos que evidenciam os excessos e as precariedades do habitar, do vestir, do alimentar-se, do produzir e do descartar. Tem-se, assim, em meio à abundância (para poucos) e a escassez (para muitos), a produção inconsequente de descartáveis, lixos, que de alguma forma subsidiam a indústria que se alimenta de novidades. Novidades, que significam mudanças e se situam na realimentação do processo do consumo e do descarte. Assim como as palavras símbolos desse processo mudam, alteram-se também as formas de viver dos homens. É um processo rápido, caracterizado pelo mundo da informação midiática que passa a ser assimilada pelos “consumidores” como verdade ou verdades, sem a realização de uma mínima reflexão e/ou seleção de conceitos e ideias. Facilmente o “consumidor” se embebe das informações e, conseqüentemente, colocando-as em prática, contribui para o fortalecimento e a dinamização de relações sociais, não próprias de seu mundo, mas pertinentes ao mundo da indústria (dos industriários).

A angústia e a insatisfação são características do universo do homem-consumidor porque busca alcançar aquilo que “supostamente” seria o ideal, não, como já dito, das suas prerrogativas pessoais, mas do que lhe foi “induzido” como prerrogativa necessária para a felicidade. Assim como as palavras chave da indústria do consumo mudam rapidamente, mudam o valor posto nos objetos de consumo e o perfil de consumo e de consumidor. Em um período de menos de 15 anos, se observou, por exemplo, a passagem do uso da palavra “objetivo” para a “inovação” como grande “boom” da modernidade. Pergunta-se, de “objetivo” para “meta” e de “meta” para “inovação”, entre outras palavras, que proposta(s), conceito(s) ou projeto(s) encontra(m)-se veiculados(s)?

Neste conjunto de situações, os valores, por exemplo, quando situados no âmbito comercial mudam, porque “mudar”, “alterar”, “substituir”, “innovar” constitui a “alma” do sistema econômico atual. A reflexão, a teorização, em um processo assim caracterizado, é o mínimo que se pode realizar na academia visando o humanismo. Os estudos de História da Arte contribuem para trazer à cena a capacidade humana de “parar” para discutir conceitos e ideias; objetos e desenhos e, igualmente, o “estado” humano de sensibilidade para com a vida. “Vida”, aqui entendida, no sentido da realização humana.

Estudar e interpretar os significados e as necessidades do homem a partir do “ler” e do “reler” a arquitetura urbana, seus desenhos e, igualmente as formas de vida, os conceitos de organização social, de belo, de necessário; entender e interpretar o “valor” deliberado aos objetos que constituem as vivências sociais, os desenhos dos territórios, foram desafios delineados no estudo dos objetos ou obras de arte no percurso da disciplina de História da Arte. Entre as atividades práticas desenvolvidas na disciplina, “Arte com sucatas”, desde 2012, vem constituindo uma das propostas interpretativas e de possibilidade de reflexão sobre a sociedade, a arquitetura e o urbanismo na contemporaneidade.

## UM POUCO DE TEORIZAÇÕES: HISTÓRIA DA ARTE, ARTE, ARQUITETÔNICA E SUSTENTABILIDADE

Nos tempos atuais uma das questões preponderantes está na possibilidade de urbanizar a partir de uma arquitetura territorial sustentável. Sustentabilidade que vai além do conceito ambiental e que precisa chegar às instituições sociais, como as representações políticas e as organizações econômicas. Em 19 de setembro de 2014, lia-se no Jornal Zero Hora: “[...] os 61 bilionários do Brasil têm 8% do PIB.” (ZERO HORA, 2014, p.25). Em 20 de agosto de 2014, Coutinho (2014, p.18), no Jornal do Comércio, publicava: “[...] descontentamento com a saúde supera os 90%”.

Continuando, no Jornal do Comércio de 25 de junho de 2014 (p.17), pode-se ler:

“[...] número de famílias endividadas cai em junho”, mas, em agosto, no mesmo jornal (2014, p. 15), consta: “Inadimplência recorde chega a 57 milhões de brasileiros.” Andrade, em 20 de agosto (2014a, p. 2), publica no mesmo jornal: “A corrupção enjoa e desanima, ainda mais quando praticada com entes públicos e com o dinheiro de todos.” A este quadro nacional, soma-se o drama mundial do desemprego,

Escassez de empregos é a tragédia do século XXI. Será necessário gerar 600 milhões de empregos na próxima década, segundo a Organização Internacional do trabalho. O pior é que atualmente mais de 100 milhões de pessoas estão desempregadas nas economias do G-20 e 447 milhões foram considerados trabalhadores pobres, vivendo com menos de US\$ 2,00 por dia. (ANDRADE, 2014b, p. 2).

O quadro apresentado e desenhado no ano de 2014 em noticiários indica a necessidade de repensar sobre a história e a vida do homem, em especial, no que diz respeito à organização e aos usos dados ao território. Nessa perspectiva, a disciplina de História da Arte, ao tratar sobre a arte e, como frisa Argan (2005), sobre a valorização do objeto, contribui para refletir sobre os valores que a humanidade trabalhou, vivenciou e que a sociedade contemporânea apresenta como ideal. Sociedade contemporânea que criou a primazia do dinheiro e do “status”. Status que muda sempre e embalado pelo ideal do consumismo, uma prerrogativa que relega milhões de pessoas a viverem em condições sub-humanas.

Ao enxergar os desenhos que o homem constrói no território, as figuras geométricas, os labirintos, os locais abertos e fechados, as vias, avenidas, os corredores, os ícones, as pinturas, as esculturas, os casarões e os casebres, os edifícios e as montagens de papelões e outros, vê-se as obras humanas estabelecendo condições de vida, definindo lugares e condicionantes. Enxergar o território e os desenhos nele esculpidos com os olhos da história e, em especial, a partir da interpretação da arte, é um caminho para repensar os valores da sociedade contemporânea, os nossos valores. Afinal, se o desejo da pessoa humana é a felicidade, pergunta-se: os desenhos que caracterizam o território mostram a realização desse desejo? Por quê? A disciplina de História da Arte pode contribuir para a realização dessa leitura?

### *História da Arte*

O grande desejo do homem, como já dito, é ser feliz. A sociedade contemporânea, embalada pelo conceito criado pelos industriários de que ser moderno é consumir, é estar sempre na moda, é romper com o passado, é inovar sempre, tem resultado em angústias, insatisfações e ansiedades. O dinheiro nunca é suficiente: o desejo é acumular e expropriar a um custo humano sem precedentes de forma que, em plena era de técnicas e conhecimentos em abundância, parte da humanidade se encontra condenada a viver de misérias e a buscar saídas escapistas e de momento para fugir da fome, da falta de habitação, do desemprego, entre outros.

Se a cidade é arte, então não basta admirar as obras de arte, é preciso entendê-las, “[...] aprender o estilo e a forma de ver as coisas de um país, de um período, de um artista, caso queiramos aprender adequadamente a obra.” (JANSON; JANSON, 2009, p.7). A história da arte é o estudo da arte e a arte é a história do homem, visto que, “[...] a necessidade do presente é demonstrável: a arte é fazer e, fazendo, se faz o presente.” (ARGAN, 2005, p. 36). Um presente resultado de obras artísticas que permitem ao pesquisador, ao transeunte atento, o estabelecimento de um “diálogo visual” com a história em diferentes tempos e espaços.

Ao entender a História da Arte como história também do contexto ou a história

da cidade como obra de arte, vista e entendida a partir de seus desenhos, é possível construir e alimentar um processo de sensibilidade em relação à vida, às suas representações e, assim, igualmente, em relação ao outro. Antônio Francisco Lisboa, Aleijadinho (séc. XVIII), por exemplo, grande escultor brasileiro, em suas condições precárias de vida e saúde, esculpiu obras que, ainda na época e no processo de sua construção, permitiram o exercício da socialização do conhecimento sobre técnicas artísticas e técnicas de cooperação. Contemporaneamente, suas obras são motivadoras de turismo em Ouro Preto e, juntamente com todo o desenho da cidade, viabilizam e alimentam vidas porque constituem fontes de trabalho e de renda.

O caso permite dizer que estudar uma obra de arte requer pensar no seu significado para a contemporaneidade e para o contexto de sua temporalidade e espacialidade, para o mundo da técnica, dos valores e da "posse". Segundo Argan (2005), a História da Arte é uma disciplina que apresenta a especificidade do estudo da arte: caracteriza-se pela busca da explicação em sua globalidade e por considerar a relação existente entre todos os fenômenos artísticos em seu espaço temporal. Ou seja, estudar um objeto de arte consiste em identificar, em seu interior, as relações de que é produto e, fora dele, as relações das quais é produtivo, porque um estudo de história da arte acontece na análise do contexto, do texto, dos intertextos, das especificidades e das articulações possíveis.

A arte faz parte da habilidade humana de sobrevivência. Conforme Janson e Janson (2009), o homem anda sobre dois pés a aproximadamente dois milhões de anos. No entanto, os vestígios encontrados dos primeiros utensílios por ele utilizados, datam de seiscentos mil anos mais tarde. Esses vestígios são os fenômenos artísticos que permitem saber sobre a existência do homem. Por isso, desde a época mais remota, nenhuma obra ou conhecimento humano é negligenciável, ao contrário, soma ao legado histórico da humanidade para a atualidade.

Afinal, quem é o homem? Uma interrogação contínua, precedente e recorrente. Talvez seja possível dizer: o homem é um ser artístico, um criador de habilidades, técnicas e, portanto, um modificador de habitats e difere de outros seres porque age de forma planejada. Nesse sentido, as obras de arte apresentam e permitem estudar conceitos que, de alguma forma, foram valorizados em um determinado tempo e época, e, que, sua preservação tem como "pano de fundo" a corporificação de algum tipo ou forma de valorização, de "posse".

## Arte

Segundo Martins et al (1998, p.76), "A linguagem da arte fala e é lida por sua própria língua" e para que exista é preciso que haja a sua criação, que alguém a "crie", "lhe dê vida". Na obra de arte, portanto, há conhecimento humano, técnica de trabalho, de construção, de realização e, é resultado da imaginação criadora que de alguma forma absorve conhecimentos e ideias produzidos no passado e que, igualmente, incorpora a idealização de um futuro imaginado. Para Argan (2005, p. 15),

Cada obra não é apenas resultado de um conjunto de relações, mas determina, por sua vez, um campo de relações que se estendem até o nosso tempo e o superam, uma vez que, assim como certos fatos salientes da arte exerceram uma influencia determinante mesmo à distancia de séculos, também não se pode excluir que sejam considerados como campo de referência num futuro próximo ou distante.

Apesar de ter sido a burguesia a responsável por caracterizá-la como componente

essencialmente urbano, a arte não pode ser considerada como produto da burguesia, assim como, não pode ser colocada como resultado somente da política e da religião. Vista e entendida como componente cultural de um povo, constitui elemento para fundamentar questões e ideias no conjunto da política, da religião, em fim, da organização social de uma sociedade. Janson e Janson (2009, p. 7) afirmam que “[...] na arte, assim como na linguagem, o homem é, sobretudo, um inventor de símbolos que transmitem ideias complexas sob formas novas.”

A obra de arte, todavia, não se completa por ocasião da sua criação, mas com as constantes interações de seus observadores, admiradores e usuários. Isso porque “Toda produção artística é o resultado de uma elaboração sgnica que é única, exclusiva de quem a faz”. Porém, “[...] a produção ou leitura desta criação carrega todas as referências pessoais e culturais presentes nos seus autores e leitores.” (MARTINS et al, 1998, p.80). Além disso, ainda Martins e outros (1998, p.80), seguem, expondo que “Autor e obra sofrem todas as influências de seu mundo físico, filosófico, sociológico, psicológico, político, histórico, religioso, cultural.” Assim, a arte resulta do trabalho, do artista, do seu universo temporal e espacial e, conforme Arnheim (2011) é produto de organismos e, por isso, complexa tanto quanto eles.

Se o homem é um ser complexo (ARNHEIM, 2011) e se a arte é produto de uma ideia “ideal” (JANSON; JANSON, 2009), é possível perceber a dimensão e a complexidade da criação de uma obra de arte. A “cidade”, por exemplo, é o resultado de projetos arquitetônicos, de objetos construídos, e, igualmente, é a síntese do embate, da difusão de diferentes ideias do que seja esse “ideal”. Ideal que, somado a intenção do “ser moderno” projetado pela indústria, permite refletir sobre a dificuldade e a complexidade; sobre a importância das análises históricas e interdisciplinares sobre seu desenho, permanências e mudanças; sobre os interesses mobilizadores, formadores e resultados a que as ações humanas chegam.

Desdobrada da História, a disciplina de História da Arte tem como característica a criticidade, que permite a fuga da ideia de história como verdade (dogmática), da visão progressista e da história tradicional. (ARGAN, 2005). Ou seja, despida de dogmatismos e aberta para a interdisciplinaridade, é fonte de conhecimentos e comunicação.

A comunicação constitui, entre outros, o grande patrimônio histórico da humanidade. Comunicar e manter vivas as formas de comunicação no tempo e no espaço têm sido uma das grandes questões humanas. As obras de arte não são obras do acaso, mas aparecem em um contexto, resultam de ação humana, de técnicas, de ideias de formas e de funções projetadas e concretizadas no espaço.

### *Criatividade arquitetônica e sustentabilidade*

Entender a sociedade da posse e o conjunto da humanidade que precisa de um mundo sustentável no modo de organizar o território e a vida social, talvez seja o desafio para os planejadores, gestores da cidade e, principalmente, para aqueles que trabalham com a formação acadêmica profissional e cidadã. Desafio, não no sentido de realizar descobertas fascinantes, mas no sentido de agregar formas de sustentação para a equidade social no Planeta Terra. A sociedade atual, ao adotar os princípios dos comandantes da indústria, condicionou-se como sociedade do descarte. Consumir e descartar se tornou o fascínio “moderno”.

Além da situação a que estão submetidos milhares de pessoas no mundo, desprovidas do mínimo para uma sobrevivência digna; o lixo contribui para tornar ambientes inapropriados para a vida porque doentes e proliferadores de doenças. Ter criatividade na busca de soluções para as demandas sociais por condições de vida digna, por equidade social e para a diminuição do processo de consumir e descartar, são desafios da contemporaneidade.

Para Sen e Kliksberg (2010), o rápido e extraordinário desenvolvimento tecnológico que caracteriza a atualidade do Planeta, não traz benefícios para todas as pessoas, visto que, para exemplificar, apesar de haver a produção de alimentos em abundância, cerca de 1 bilhão de pessoas passam fome no mundo, 18 milhões de pessoas morrem anualmente por razões como desnutrição e outras referentes a pobreza. O que falta à maioria da população mundial sobra para uma minoria. O capital acumulado pelas variadas camadas da população mundial, de acordo com a verificação da Universidade das Nações Unidas é ainda maior. Os 10% mais ricos possuem 85% do capital global, enquanto que metade dos habitantes do mundo possui apenas 1%”.

Segundo Camargo (2008, p. 308), nas décadas finais do último século houve avanços em termos da busca da construção de uma agenda global para assegurar “[...] o desenvolvimento social com maior equidade, expansão do emprego produtivo e erradicação da pobreza”, Contudo, a concretização dessa agenda não está acontecendo. Apesar das Conferências Mundiais sobre o meio ambiente, sobre população, sobre desenvolvimento social, mulher, sobre o habitat, entre outras, milhares de pessoas morrerem anualmente por falta de água tratada e o índice de mortalidade infantil é elevado, sendo que muitas vezes o custo da cura é insignificante,

Dezenove crianças com menos de 5 anos de idade morrem a cada cinco minutos de pneumonia. Os antibióticos para o tratamento da doença custam 27 centavos de dólar. E mais de 9 milhões de crianças nem chegam a completar cinco anos de idade, morrem por diarreia ou desnutridas. (SEN; KLIKSBERG, 2010, p.8).

Em vista da realidade exposta, os pesquisadores e os estudiosos em História da Arte, não podem se furtar de problematizar os contextos humanos. Para isso, as obras de arte, são objetos de excelência. Bertolt Brecht, além de artista, com seu poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, exemplifica o que é ser um pesquisador, um historiador de obras de arte. Trazendo para a cena obras de arte desde a Antiguidade até a atualidade, se reporta ao contexto das mesmas com um discurso questionador, trata da organização da sociedade, das técnicas, do trabalho e dos resultados, a exemplo da exclusão dos trabalhadores dos benefícios e do usufruto dos bens do trabalho.

O pequeno poema de Brecht mostra o significado histórico das obras de arte e, ao mesmo tempo, permite compreender o potencial da análise histórica em obras de arte. A disciplina de História da Arte, em um Curso de Arquitetura e Urbanismo, em que pese o valor da estética, deve trazer para o discurso o potencial da historização da obra como um fato social, contribuindo, assim na construção, não só de conceitos técnicos profissionais, mas, também, de conceitos de cidadania.

## **A ANÁLISE HISTÓRICA E SUSTENTABILIDADE: CAMINHO METODOLÓGICO**

Para a realização de estudos de obras ou objetos de arte é imprescindível à clareza

no método, visto que o risco do “uso” do juízo de valor por parte do pesquisador é muito grande. Isso porque a arte tem um sentido não só para quem a faz, mas, também, para quem a estuda, observa e a pesquisa.

Ainda, ao se realizar um estudo tendo como referência objetos (obras) de arte, é preciso considerar que, nas sociedades humanas, a tudo é dado um valor e que, nele – valor –, está o sentido da existência de algo. Para Argan (2005, p. 13),

Uma vez que as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor, há duas maneiras de tratá-las. Pode-se ter preocupação pelas coisas: procura-las, identifica-las, classifica-las, conservá-las, restaurá-las, exhibi-las, compra-las; vende-las; ou, então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e se transmite, se reconhece e se usufrui.

Tendo em vista que o valor de “coisa”, de alguma forma interfere na análise de obras ou objetos de arte, estudiosos do tema indicam alguns problemas e situações a serem consideradas. Argan (2005) chama a atenção para os estudos de arte caracterizados como hipótese experimental de atividades de estética, porque no resultado está implícito um “juízo de valor” que o pesquisador não pode negligenciar ou ignorar. Macedo (1972), em pesquisas sobre a arquitetura do Município de Rio Pardo, ainda em 1972, aponta para o problema do descaso público e para o problema da realização de estudos focados somente na “questão de estilo” ou de “detalhe de escola consagrada.” Segundo o autor, nessas pesquisas, o estudo de um prédio, por exemplo, é realizado “[...] desligado de seu processo de realização, de seu desenvolver-se no tempo que inclui o esforço e o trabalho da sociedade e que lhe dá esse sentido anímico de participação do grupo social e da participação dele no grupo social.” (MACEDO, 1972, p. 13).

Para que o pesquisador não caia no vício de questões como as expostas, Argan (2005, p. 17) enfoca a importância do estudo de obras de arte tendo como “valor” a pesquisa, para o que, o método adotado pode ajudar. O método tem como função “[...] fornecer ao juízo um fundamento de experiência que reduza ao mínimo a margem de arbítrio, o risco de introduzir um não valor numa série de valores e o risco de construir, assim, uma falsa história.” Para que o método seja adequado, os autores situam vários critérios, considerando desde a obra, o autor e o contexto do país, por exemplo.

Um critério válido, segundo Janson e Janson (2009, p. 7) é o conhecimento dos costumes referentes a formas de “leituras” veiculadas no território, sobre o objeto e sobre/do o artista. Ou seja, é preciso “aprender o estilo e a forma de ver as coisas de um país, de um período e de um artista” para compreender adequadamente uma obra. A originalidade é outro critério que deve ser considerado e, como situa Argan (2005), é um aspecto fundamental uma vez que,

[...] a ação artística é uma ação que pressupõe um projeto – portanto, o procedimento da cópia, que substitui a experiência e o projeto pelo modelo, não é artístico. E o projeto é uma finalidade que, realizando-se no presente, assegura à ação um valor permanente, histórico [...]. A relação experiência-projeto reflete a relação em que se fundamenta a ideia da ação histórica e, por conseguinte, sua representação, a história falada ou escrita. (ARGAN, 2005, p. 23).

Tendo como pressuposto a originalidade do objeto, Argan (2005) segue situando outros dois critérios: o estudo da matéria estruturada como o conteúdo cultural da obra e os esquemas culturais do tempo; o estudo do processo estruturante, que consiste no estudo do fazer, a sequência de operações mentais e manuais de experiências culturais, ou seja, a relação funcional entre a operação técnica e o mecanismo da memória e da imaginação.

Devido à complexidade do “estudo da arte”, Argan (2011) situa como profissional capacitado para conduzir o processo, o historiador, haja vista que “Qualquer pessoa pode

admirar uma obra de arte [...]. Mas apenas o historiador, que a situa numa série de fatos deles percebe a necessidade da continuação da série, entende o seu significado.” (ARGAN, 2005, p. 33).

Arnheim (2011, p. 7-8) na parte introdutória da obra “Arte e percepção visual”, soma aos demais autores, ao tratar das noções de totalidade e de especificidade no estudo de uma obra ou objeto de arte, visto que as partes constituem o todo, assim como o todo não existe sem as partes porque há um conjunto de relações que fundamenta a existência de algo, ou seja,

Se alguém quiser entender uma obra de arte, deve antes de tudo encará-la como um todo. O que acontece? Qual é o clima das cores, a dinâmica das formas. Antes de identificarmos qualquer um dos elementos, a composição total faz uma afirmação que não podemos desprezar. Procuramos um assunto, uma chave com a qual tudo se relacione. Se houver um assunto instruímo-nos o mais que pudermos a seu respeito, porque nada que um artista põe em seu trabalho pode ser negligenciado impunemente pelo observador. Guiado com segurança pela estrutura total, tentamos então reconhecer as características principais e explorar seu domínio sobre detalhes dependentes. Gradativamente, toda a riqueza da obra se revela e toma forma, e, à medida que a percebemos corretamente, começa a engajar todas as forças da mente em sua mensagem.

Assim sendo, arte é de alguma forma, a preservação da memória da história humana. Estudá-la, pressupõe base teórica, projeto e método claro. A análise histórica situa-se como caminho possível para a realização de estudos coerentes e necessários para o conhecimento da arte e, conseqüentemente da sociedade e, igualmente, do homem. Observa-se, também, que a análise histórica de objetos de arte é fundamental para a formação acadêmica de arquitetos urbanistas, haja vista que esses profissionais vão tratar especialmente das questões contemporâneas de organização da vida urbana, dos usos do território.

### *Arte com sucatas: uma experiência na análise histórica*

A análise histórica permite reflexões em torno do significado do território, seus usos e desenhos, bem como, sobre o reaproveitamento dos recursos da natureza, da sustentabilidade, da produção econômica e da difusão de ideias. Em uma sociedade que assume o consumo como regra e o descarte como condição social; a criatividade e a representação são elementos importantes para o questionamento dos conceitos econômicos, sociais e políticos em cena e, também, para a difusão de ideias cooperativas e sustentáveis.

As produções realizadas na disciplina de História da Arte, pelos acadêmicos do primeiro semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo, foram centralizadas tendo como critérios:

- ✓ O tema: “Arte com sucatas”;
- ✓ Subtemas: livres;
- ✓ O espaço: delimitado anualmente: interno; externo ou livre;
- ✓ Conteúdo da disciplina;
- ✓ Envolvimento do conceito de sustentabilidade;
- ✓ Trabalho em grupos;
- ✓ Apresentação ou não de projeto – planta do objeto;
- ✓ Critérios de construção textual previamente exposto;

- ✓ Momentos de socialização, conforme orientação;
- ✓ Envolvimento da comunidade.

## RESULTADOS

Os resultados foram constituídos pelo somatório de critérios e processos adotados em cada ano.

### *Ano de 2012*

- ✓ Tema: "Arte com sucatas".
- ✓ Subtemas: livre.
- ✓ Espaço: Os objetos foram projetados e construídos para espaço de interiores, espaços pertinentes às habitações dos acadêmicos.
- ✓ Conteúdo: A produção não resultou em um aprofundamento do conteúdo estudado, visto ter ocorrido como motivadora para a absorção do conteúdo, situando-se como caminho para a compreensão da importância do conteúdo de História da Arte. Tomou corpo no estudo da obra "Cabeça de Touro" de Pablo Picasso, ainda no segundo encontro.
- ✓ Envolvimento do conceito de sustentabilidade: Teve como referência o conhecimento empírico e as experiências próprias; estudo de alguns conceitos de Argan (2005) a respeito da sociedade urbana: a industrialização, pobreza, a poluição, a preservação do patrimônio histórico, entre outros.
- ✓ Grupos: Organizados por municípios ou afinidade, visto que a idealização e produção teórica foram realizadas na Universidade, mas a produção do objeto foi extraclasse.
- ✓ Projeto – planta do objeto: Não foi solicitado projeto/planta do objeto, somente a a descrição da ideia e sua implementação
- ✓ Construção textual: Foi solicitado um texto descritivo contendo o tema; subtema; justificativa para a escolha do tema; objetivo e descrição dos materiais utilizados e do processo de construção; resultados quanto à busca de conhecimentos na disciplina e o estabelecimento de parcerias.
- ✓ Socialização: Em pequenos grupos, por ocasião do encontro 3 e 4 (a última hora das aulas foram dedicadas ao planejamento, socialização, melhorias e produção do texto e objeto). O quinto encontro, foi reservado para a socialização geral das produções. Também os objetos foram levados para a mostra realizada na Biblioteca no mês de Abril.
- ✓ Envolvimento da comunidade: A atividade deliberou um envolvimento direto dos familiares por ocasião da construção dos objetos. Um envolvimento indireto da comunidade em geral, por ocasião da participação na mostra pública realizada na Biblioteca.
- ✓ Objetos: Da atividade resultou a criação de utilitários, brinquedos e ornamentais: Tigre; Pousa da Borboleta; Toca do Gato; Maquete de Casa; Casa Peti; Tênis Eletrônico; Terrário; Ponte Estaiada João Isidoro França; Abajur; Flores de Arame; Gamado; Aérolata; Casinha; Mola Sensível; Dom Quixote; Madeira Luminosa; Flor e Bateria.

**Figura 01**

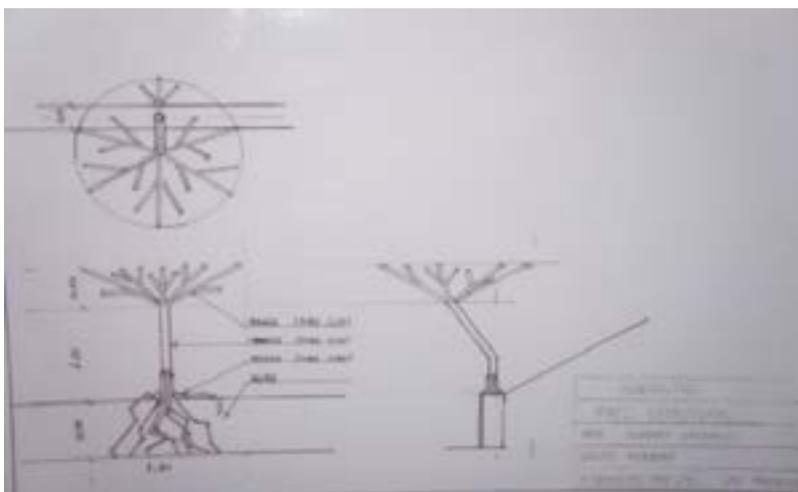
Mola Sensível (Guerra; Mulinari; Steffens; Friling, 2012); Aérolata (Baggiotto, 2012).

**Fonte:** Registros da Disciplina de História da Arte, 2012.



*Ano de 2013*

- ✓ Tema: "Arte com sucatas".
- ✓ Subtemas: livre.
- ✓ Espaço: Os objetos foram projetados para um cenário externo da Universidade. Nesse sentido, contribuiu para o desenvolvimento de criatividade vinculadas a uma ideia mais ampla de interação social e ambiental, que no ano anterior.
- ✓ Conteúdo: A produção resultou de uma caminhada de oito encontros realizados na disciplina. Foi valorada como avaliativa. Tomou corpo no estudo da obra "Cabeça de Touro" de Pablo Picasso, ainda no segundo encontro. O número de encontros anteriores a finalização da atividade, viabilizou acesso a conhecimentos e elementos culturais a respeito da arte em diferentes tempos e espaços e permitiu compreender a arte como instrumento de comunicação e sensibilização individual e coletivo.
- ✓ Envolvimento do conceito de sustentabilidade: Teve como referência o conhecimento empírico, as experiências próprias, textos de autores com Argan (2005) que trazem na análise da sociedade urbana, problemas como a pobreza, a miséria, a poluição, a preservação do patrimônio histórico, entre outros.
- ✓ Grupos: Organizados por municípios ou afinidade, visto que a idealização e a produção teórica foram realizadas na Universidade, mas o objeto foi produzido extraclasse.
- ✓ Projeto – planta do objeto: Foi solicitada uma apresentação previa do projeto do objeto, com a sua descrição e localização. A figura 02 mostra da planta de Humanitas, uma árvore interativa.

**Figura 02**

Planta de Humanitas  
(Teixeira; Serafini;  
Bonafé; Arboit; Riva,  
2013).

**Fonte:** Santos; Jaco-  
melli (org.), 2015,  
p.20.

- ✓ Construção textual: Foi solicitado um texto descritivo contendo o tema; subtema; objetivo, justificativa para o subtema e nome do objeto; descrição dos materiais utilizados; descrição do processo de construção; da busca de conhecimento (estabelecimento de parcerias) e da satisfação do grupo em termos de contribuição para o conhecimento na disciplina de História da Arte e importância para o arquiteto urbanista.
- ✓ Socialização: Por ocasião do terceiro encontro, quando houve a delimitação do uso do espaço. Isso porque os acadêmicos precisaram utilizar e projetar para o mesmo espaço (situado entre as duas edificações do Bloco 10) e, objetivando a formação de uma diversidade complementar na unidade do mesmo. No quinto encontro, houve outra socialização parcial, visando às últimas adaptações necessárias. A socialização final ocorreu no oitavo encontro, já com os objetos expostos no espaço entre edificações, junto ao qual cada grupo expôs aos demais as suas construções. Na ocasião, no intervalo da aula, o local ficou tomado de acadêmicos de diferentes cursos interagindo com os objetos e seus criadores.
- ✓ Envolvimento da comunidade: A atividade deliberou um envolvimento direto dos familiares por ocasião da construção dos objetos. Um envolvimento indireto da comunidade em geral, por ocasião da participação na mostra pública realizada na Biblioteca, realizada no mês de maio.
- ✓ Objetos: Como resultado, os subtemas revelam o predomínio de ideias vinculadas ao social e ao ambiental -: Humanitas; Formosa, a formiga; Dark Sid OfAu; Recordações de infância; Animalia, consciência não é lixo; Árvore de ferro; Lampião; Guarda lua; Boneco de lata; Floreira vertical; Floreira de pallet; Violão de lata; Casa de taquara, suporte para lamparina; Iron Castle; O Homem de Ferro e o Cão; O Helicóptero; Robô Fleuvios Bramperes; Banco de pneu e luminária de lata; Móvil decorativo de borboletas; O Porco.

### *Ano de 2014*

- ✓ Tema: "Arte com sucatas".
- ✓ Subtemas: livre, contudo observando a assertiva de estabelecer vínculos entre te-

- máticas sociais e ambientais.
- ✓ Espaço: Os objetos foram projetados para cenários optativos, conforme interesse dos grupos.
  - ✓ Conteúdo: A atividade foi quase finalizadora do semestre. Teve o percurso dos anos anteriores, acrescido de estudos relativos à especificidade da arte em diferentes povos, tempo e espaço e, sobre a repercussão dessas especificidades para um plano artístico e conceitual (cultural) maior, no sentido de global e, atemporal pela permanência.
  - ✓ Envolvimento do conceito de sustentabilidade: Teve como referência o conhecimento empírico, as experiências próprias, bem como textos de autores com Argan (2005), cuja análise da sociedade urbana mostra problemas como a pobreza, a miséria, a poluição, a preservação do patrimônio histórico, entre outros.
  - ✓ Grupos: Organizados por municípios ou afinidade, visto que a idealização e produção teórica foram realizadas na Universidade, mas a produção do objeto foi extraclasse.
  - ✓ Projeto – planta do objeto: Os grupos precisaram apresentar a ideia discursiva e a planta do objeto até o 6º encontro.
  - ✓ Construção textual: Os critérios foram previamente expostos. O objeto deveria estar acompanhado de um texto no formato de resumo estendido, para o que lhes foi passado as informações necessárias. O desafio de estabelecer uma ponte entre **temas de época** da História da Arte e a correspondente relevância social, levou a maioria dos grupos a acreditarem no potencial da equipe e a construírem objetos singulares.
  - ✓ Socialização: Houve dois momentos de socialização. O primeiro, por ocasião da construção do projeto e planta do objeto. O segundo, realizado no 13º encontro. Na ocasião, após a socialização em aula, os objetos foram disponibilizados para a mostra na Biblioteca a ser realizada no mês de junho.
  - ✓ Envolvimento da comunidade: A atividade deliberou o envolvimento direto dos familiares e artífices como, ferreiros, carpinteiros, entre outros. Também, o envolvimento indireto da comunidade em geral, por ocasião da mostra “entre edificações, no Bloco 10” e por ocasião da mostra pública realizada na Biblioteca.
  - ✓ Objetos: Como resultado, os subtemas variaram entre culturais e designers de interiores: Mulher: a submissão cultural, não a ocultou historicamente; Narcisismo, a idolatração da beleza vista como arte; Cinema e fotografia: a memória que une gerações; O 14 Bis: uma obra de arte revolucionária; O Andarilho; Monumento da paz, a arte relatando e buscando a paz; Homo Habilis: do domínio do fogo às iluminárias; Reinventando objetos; A música ilumina; Decoração: abajur de sucatas; Vitória Régia: da ficção para a realidade; Design de interior: abajur decorativo; Luminária de forminhas de gelo: A beleza na reciclagem.



### Figura 3

Planta e objeto: O Andarilho (Pellegrin; Zanatta; Gracioli, 2014).

Fonte: Registros da Disciplina de História da Arte, 2014.

Criado com base na obra "O Homem Caminhando 1", de Gilberto Giacometti, "O Andarilho" (figura 03) foi construído pelos acadêmicos tencionando uma analogia à ideia de valor aferida a uma obra de arte e ao seu artista; aos materiais utilizados e a simbologia da comunicação, para citar alguns aspectos.



**Figura 04**

Narcisa (Wandscheer; Schaffer; Silva, 2014).

**Fonte:** Registros da Disciplina de História da Arte, 2014.

Narcisa (figura 04) é uma analogia a beleza. Foi construída tendo como referência a mulher moderna. Remete a conceitos gregos referentes a paixão pela própria beleza. A utilização do mármore como componente único do objeto mostra a tendência narcisa ao individualismo e a "ensimesmação".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o artigo, teve-se como intenção viabilizar a socialização de uma experiência construída com base na metodologia da análise histórica, somada ao conceito de sustentabilidade que foi adotada no desenvolvimento da disciplina de História da Arte, nos anos de 2012 a 2014, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.

Estabelecendo um olhar comparativo sobre o processo utilizado e os resultados obtidos na análise histórica, somada ao conceito de sustentabilidade por ocasião do desenvolvimento da atividade "Arte com sucatas", pode-se dizer:

✓ Quanto ao processo:

- O conteúdo teórico da disciplina foi desenvolvido normalmente, visto que a atividade prática foi conduzida como uma estratégia paralela, imbricada na teoria e com atividade extraclasse.
- Quanto maior a bagagem de conteúdos antecedendo a atividade prática, maior a possibilidade de o Acadêmico sair da área técnica e estabelecer relações entre objeto e conteúdo. Maior a capacidade de teorização.
- Quanto maior a maturidade do acadêmico, maior a capacidade de organização para a criatividade, fugindo à Internet.
- Quanto menor a maturidade do acadêmico, maior a criatividade na busca e captura de subsídios na Internet.
- No primeiro semestre de Universidade, a identificação com a leitura e a produção é um desafio, visto a concepção de que a Internet "tem o tudo desejado".

- A leitura, a inquietação e a organização do grupo transparecem nos resultados.
  - ✓ Quanto aos resultados:
- O critério do reaproveitamento de descartáveis foi considerado por todos os grupos.
- O utilitarismo e o belo, com suas variáveis, foram elementos presentes em todas as construções, de forma que todas apresentam uma noção de valor.
- Os conceitos culturais foram melhor trabalhados nos anos em que a atividade foi antecedida por uma maior bagagem de conteúdo e nos grupos que apresentaram maior maturidade (relação expressa nos temas e discussões realizadas em torno dos objetos).
- Os resultados mostraram relação direta com as condições deliberadas pela professora e que antecederam a atividade. Por exemplo, a ampliação da bagagem de conteúdos, de critérios e finalidades, influenciou decisivamente nos resultados.
- Outro aspecto que corroborou para com o processo e o resultado foi a disposição das turmas para a atividade.
- Independentemente de tempo e conteúdo, alguns grupos, nos dois últimos anos da atividade, mantiveram-se catalisados por preocupações próprias da profissão enfocando a estética e o utilitarismo em termos de iluminação, clareza e utilidade.
- O registro do caminho percorrido e dos resultados é um instrumento metodológico que permite ao professor realizar uma avaliação do próprio trabalho evidenciando possibilidades e lacunas.

Finalizando pode-se dizer que a História da Arte é uma disciplina singular porque permite ao homem refletir sobre si mesmo, sobre a sociedade e, permite ao sujeito que busca instrumentalizar-se nos horizontes da arquitetura e do urbanismo enxergar, além do tecnicismo e das habilidades, o outro, a sociedade, as possibilidades humanas, sociais e ambientais. O desafio de unir a teoria da História da Arte com uma prática voltada para a reflexão sobre sustentabilidade constitui caminho para o estudo da sociedade a partir da

análise histórica.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Roberto Brenol. **A corrupção que enjoa e desanima o País**. *Jornal do Comércio*. Opinião. 20 de Agosto de 2014a. p.2.
- ANDRADE, Roberto Brenol. **Escassez de emprego**. *Jornal do Comércio*. 11 de Setembro de 2014b. Opinião. p.2.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 34 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.
- CAMARGO, Aspásia. **Governança para o século 21**. In: TRIGUEIRO, André (coord.). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 5ed. SP: **Armazém do Ipe São Paulo** (autores Associados), 2008.
- COUTINHO, Paula. **Descontentamento com a saúde supera os 90%**. *Jornal Zero Hora*. 20 de agosto de 2014. *Gestão Pública*. p. 18.
- INADIMPLÊNCIA RECORDE CHEGA A 57 MILHÕES DE BRASILEIROS**. *Jornal Do Comércio*. 22, 23, 24 de Agosto de 2014. *Caderno Economia*, p.18-21.
- JANSON, H.W; JANSAN, Anthony F. **Iniciação à história da arte**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **Rio Pardo, a arquitetura fala da história**. Porto Alegre: Sulina, 1972.
- MARTINS, Miriam Et al. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- OS 61 BILIONÁRIOS DO BRASIL TÊM 8% DO PIB**. *Jornal Zero Hora*. 19 de Setembro de 2014. *Caderno Economia*, p.25.
- REGISTROS DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA ARTE**, 2012, 2013, 2014. Álbum fotográfico das construções feitas pelos alunos e registradas pela professora. Frederico Westphalen: URI-FW, 2012, 2013, 2014.
- SANTOS, A. G.; JACOMELLI, J. **Ensaio de criatividade I**. Frederico Westphalen: URI, 2015. Disponível em: < <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos//194.pdf> >. Acesso em: 2 mar. 2016.
- SEN, Amartya; Kliksberg, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.